



Encontro de Formação Inicial e
Ministros e Conselheiros da OFS
Fátima, 23 e 24 Fevereiro de 2019

800 anos de Caminhada... a nossa vocação

Rui Silva, OFS

O presente texto foi apresentado anteriormente nas Jornadas de Estudo “Oito Séculos da Presença Franciscana em Portugal – Memória e Vivência”, realizadas na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, no dia 27 de abril de 2018 com o título “Viver a Mensagem Franciscana nos dias de hoje no Mundo”

800 anos de Caminhada...

a nossa vocação

Introdução:

Paz e bem!

Esta expressão “Paz e bem” talvez seja a mais emblemática dos franciscanos. Sendo uma expressão curta e simples, não deixa de conter em si mesma mensagem profunda e, simultaneamente, abrangente, sustentada na experiência de vida de S. Francisco de Assis e todos aqueles que desejaram seguir a sua espiritualidade.

Falar sobre a Mensagem Franciscana, nos dias de hoje e no mundo como o conhecemos, implica necessariamente refletirmos, antes de mais, sobre a sua origem, as suas raízes e a forma como ela foi evoluindo ao longo do tempo, tal como foram evoluindo aqueles que a viveram e a transmitiram.

Se a Mensagem Franciscana tem a sua base na pregação e no exemplo dos frades franciscanos, estando eles “retirados do mundo”¹, a vivência prática desta mensagem era levada a cabo por aqueles que continuavam no mundo, no “século”², ou seja, os franciscanos seculares ou franciscanos que vivem no mundo. É neste contexto que é indissociável falar na vivência da mensagem franciscana da Ordem Franciscana Secular.

Sendo uma vivência no mundo, em relação com o mundo de uma forma dinâmica, naturalmente que essa vivência influencia e é influenciada pelo contexto social e político em que as pessoas estão inseridas. Obviamente que a mensagem franciscana é capaz de influenciar e condicionar o mundo, mas o mundo, pelo seu dinamismo e pela sua constante mudança, é também capaz de continuamente colocar novos desafios ao franciscanismo e à sua mensagem.

1. Enquadramento histórico do estado secular na Ordem Franciscana

Francisco de Assis, um homem do século XIII, nasce numa sociedade medieval, fortemente estratificada mas onde já começa a surgir uma burguesia que se quer afirmar, gerando conflitos sociais com repercussões políticas evidentes. Vive-se uma época em que a Igreja detém um forte poder temporal, onde o poder e a política se vão sobrepondo à sua missão pastoral e espiritual. Todo este clima faz com que a Europa viva um período de guerras, seja entre diferentes territórios (países, regiões ou cidades), seja dentro dum mesmo território, entre as diferentes classes sociais.

A caminhada vocacional de Francisco, no contexto de uma pequena cidade como era Assis e pela notoriedade da sua família, conseguiu atrair a atenção de todos para uma forma diferente de encarar a realidade, ao recusar uma lógica do “poder” em favor de uma lógica da “relação”. E esta lógica de “relação”, de ver o outro como um semelhante, como um “irmão”, conduz ao desejo, ou

¹ Expressão muitas vezes utilizada para identificar o momento da profissão numa ordem religiosa, expressão que o próprio S. Francisco de Assis utiliza no seu Testamento “[...] e em seguida, passado um pouco de tempo, saí do mundo.” (Testamento, nº 3).

² “Século”, em latim “saeculum”, que significa “mundo”.

vontade, que o outro esteja em “paz” – numa perspetiva de serenidade e tranquilidade interior, num domínio espiritual - e, além disso, que alcance também o “bem” – numa perspetiva das condições e satisfação das suas necessidades, num domínio corporal e físico. E estas duas vertentes opõem-se radicalmente ao clima de guerra existente.

É esta nova forma de vida que cativa, no início, um primeiro grupo mas que rapidamente se espalha por toda a Europa, chegando a atingir alguns milhares de frades em poucos anos. Estes são aqueles que mudam de vida, de uma forma radical, que assumem uma vida plena de oração, pregação e vida em Fraternidade.

A pregação destes frades leva a uma vontade de mudança, de conversão nas populações. Contudo nem todos tinham condições de assumir uma nova forma de vida, nomeadamente os casados, os que têm filhos,... Há então uma parte significativa de pessoas que pretendem viver esta espiritualidade mas que, pela sua condição de vida, não podem viver da mesma forma que os frades. Tal foi o seu crescimento que, a pouco e pouco, também foi necessário regular esta forma de vida. Inicialmente receberam o nome de *irmãos e irmãs da Penitência*, depois *Terceira Ordem Franciscana*, e que atualmente se designa de Ordem Franciscana Secular (OFS).

Não se sabe, concretamente, quando terá nascido a OFS. A *Carta a todos os fiéis*, escrita em 1210 por S. Francisco de Assis, já seria uma resposta à necessidade de orientar a vida de todas estas pessoas que tinham o desejo de viver a mesma espiritualidade que o santo. O primeiro documento que efetivamente reconhece a Ordem é a Regra, aprovada em 1221, pelo Papa Honório III pela Bula *Memoriale Propositi*.

Segundo a tradição, teriam sido os primeiros irmãos o casal Luquésio e Bonadona, de Poggibonzi, para além de Jacoba de Setesoli, João Velita, de Greccio e o Conde Orlando de Chiusi, entre outros. Não se sabe muito bem quando terão surgido os primeiros *irmãos e irmãs da penitência*³. Segundo a tradição, os primeiros terão surgido aquando da peregrinação de S. Francisco a Santiago de Compostela, que terá passado pelo norte de Portugal. Alguns dos possíveis locais onde teriam ficado “sementes franciscanas” seriam Trancoso, Guarda, Lamego, Viseu, Guimarães, Bragança ou Ponte de Lima.

2. A Terceira Ordem Franciscana e a sua intervenção social no mundo e em especial em Portugal

De tal forma este carisma se espalhou pela Europa, que começou a cativar também membros das classes sociais mais elevadas e até algumas pessoas da realeza. Este facto não deve ser descuidado uma vez que vai influenciar a Ordem Terceira e, podemos dizer, a própria sociedade ao longo do tempo até aos dias de hoje.

Uma das figuras mais marcantes que entraram para a Ordem Terceira foi Santa Isabel da Hungria⁴. Esta princesa da Hungria e grã-duquesa da Turíngia, desde cedo demonstrou uma grande preocupação com os mais desfavorecidos (pobres, doentes, marginalizados, ...). Aproveitando a sua posição social, construiu o primeiro hospital, para tratar dos doentes, criou oficinas para ensinar aqueles que não tinham meios de subsistência a ter uma arte para poderem trabalhar e obter um rendimento regular, e fundou albergues para acolher, limpar e alimentar aqueles que eram abandonados e viviam na rua.

³ Termo utilizado pela primeira Regra da TOF, aprovada pelo Papa Honório III com a Bula *Memoriale Propositi*, para designar os irmãos seculares.

⁴ Santa Isabel da Hungria era tia-avó da Rainha Santa Isabel de Portugal. As duas ficaram conhecidas pelo mesmo milagre, o *milagre das rosas*. Era sobrinha de Santa Edviges, prima de Santa Inês de Praga, tia de Santa Cunegunda da Polónia e Santa Margarida da Hungria. Viveu apenas 24 anos, entre 1207 e 1231.

Este exemplo de Santa Isabel da Hungria veio a disseminar-se aos poucos pela Europa. A entrada para a Ordem de pessoas da nobreza e/ou abastadas, até meados do século XVIII, permitiu que a Ordem pudesse ir criando este tipo de infraestruturas de apoio social. Muito do que são as políticas de Assistência Social, tiveram a sua origem no exemplo e funcionamento destas infraestruturas que foram aparecendo.

Em Portugal, tivemos vários exemplos. Ainda hoje temos Fraternidades Franciscanas Seculares com infraestruturas sociais mas que tiveram a sua origem precisamente neste período, nomeadamente os Hospitais da Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade e de S. Francisco a Jesus, para citar alguns casos da cidade de Lisboa. Da mesma forma podemos falar de infraestruturas de acolhimento e tratamento de doenças e alimentação, em Leiria e Guimarães, por exemplo.

No próprio contexto da Revolução Industrial, os terceiros franciscanos tiveram um papel importante na defesa de uma nova classe que surgia - a classe operária - nomeadamente em temas relacionados com a defesa da saúde dos trabalhadores, de terem um salário justo, que assegurasse a subsistência quotidiana, o que veio a estar na origem da criação dos sindicatos.

Contudo, com a entrada de pessoas mais abastadas na Ordem, progressivamente a Ordem tornou-se algumas vezes um pouco elitista, no sentido de apenas atrair o acesso a pessoas de uma determinada condição social e, com isso, dificultar o acesso, ou até excluir, os mais pobres. Esta situação acaba por atrair e propiciar a entrada de pessoas que apenas pretendiam reconhecimento social e não estavam tão preocupadas com a vivência da espiritualidade franciscana (falta de vocação franciscana).

Em Portugal, com a expulsão das ordens religiosas em 1834, a Ordem Terceira perdeu a Primeira Ordem⁵, que lhe dava a animação espiritual. Esta situação, aliada ao facto de muitos dos seus membros terem entrado sem vocação, levou a que progressivamente a Ordem Terceira entrasse num período de decadência. Ao mesmo tempo, surgem, a partir de irmãos que pertenciam à Ordem mas sentiam a necessidade de iniciar projetos capazes de responder à sua vocação. É neste contexto que começam a surgir os vários ramos da Terceira Ordem Regular, todos eles ligados a projetos de apoio social específicos.

Na entrada do século XX, com o Papa Leão XIII⁶, a Ordem Terceira sente um novo impulso. Com a Encíclica *Rerum Novarum*, fala-se da Doutrina Social da Igreja e o Papa desejava que, na linha da frente deste novo período estivessem os franciscanos, que se deveriam afirmar como modelos de vida cristã. Para isso, aprova uma nova Regra para a Ordem Terceira (pela Bula *Misericordiae dei Filius*).

Ao nível da mensagem franciscana, quase que podemos identificar uma repartição de duas grandes áreas entre a Primeira e Terceira Ordem: a Primeira Ordem estava principalmente destinada à mensagem espiritual e sacramental - à pacificação interior e à pacificação na relação com o outro - enquanto a Terceira Ordem ficou mais dedicada ao acolhimento desta mensagem de paz e, como consequência, à sua aplicação e concretização no campo material - a praticar o bem junto dos outros, preocupação principal com o bem estar físico e corporal.

⁵ O termo “Primeira Ordem” refere-se à Ordem dos Frades Menores e a todas as reformas desse ramo. Está diretamente relacionado com a ordem cronológica da sua criação dentro da Família Franciscana. A Primeira Ordem é relativa aos Frades; a “Segunda Ordem” refere-se às irmãs clarissas, inicialmente designada por “Ordem das Senhoras Pobres”, fundadas por Santa Clara de Assis; a “Terceira Ordem” é relativa aos leigos, atualmente designada por “Ordem Franciscana Secular” e donde se autonomizou um novo ramo da Família Franciscana que foi a “Terceira Ordem Regular”.

⁶ O Papa Leão XIII pertencia à Terceira Ordem Franciscana.

3. O Concílio Vaticano II e uma nova forma de encarar o mundo: a resposta secular

O Concílio Ecuménico Vaticano II veio abalar a Igreja, na sua própria estrutura, na forma de se organizar e principalmente na forma como passou a olhar o mundo, demonstrando uma maior abertura à realidade existente e aos novos paradigmas sociais.

Esta abertura do Concílio Vaticano II veio trazer mudanças na própria Família Franciscana, não tanto no que respeita à mensagem propriamente dita, mas muito mais no posicionamento e na forma de estar em sociedade.

Na verdade, em alguns documentos, o Concílio veio cancelar alguns aspetos diferenciadores da mensagem franciscana, desde a sua génese, principalmente em temas relacionados com o respeito pelo outro e pela diferença. Um exemplo muito concreto é por exemplo o diálogo inter-religioso e o ecumenismo: a postura de Francisco perante o mundo muçulmano⁷, contrastante com a realidade concreta das Cruzadas daquele tempo e dos séculos que se seguiram, acabou por ser oficialmente adotada pelo Concílio (quase oito séculos depois).

Ao nível da Ordem Terceira, acontece uma pequena grande revolução. Este novo impulso da Igreja, levou a uma profunda reflexão interna, sobre a sua forma de vida e a forma como interagia com o mundo. Este processo levou à aprovação de uma nova Regra, a 24 de junho de 1978, pelo Papa Paulo VI, através da carta *Seraphicus Patriarcha*. Duas grandes alterações acontecem: a primeira é que a Regra deixa de elencar uma série de práticas devocionais e passa a ser uma Regra com um programa de vida, baseada em princípios e valores, uma passagem da prática à essência da espiritualidade (privilegiando o “ser” em contraposição ao “fazer”); a segunda relacionada com a sua organização, com a mudança de nome, adaptado à sua circunstância, *Ordem Franciscana Secular*, e em que, pela primeira vez na sua história, para a ter uma estrutura hierárquica própria, independente da Primeira Ordem.

Esta Regra define bem a natureza secular da Ordem, com uma mensagem profundamente evangélica mas com uma intervenção no mundo secular, nos campos da política, do trabalho, da família, da ecologia e da paz.

Com estas mudanças, os irmãos da OFS passam a ter um outro tipo de intervenção. Até então, como já foi referido anteriormente, a ação da OFS estava vocacionada para a execução de obras sociais enquanto os frades estavam mais dedicados à pregação e ao anúncio. Na verdade, quase que podemos dizer que Ordem terceira seria um barómetro da eficácia do anúncio e do trabalho da Primeira Ordem: quando a mensagem franciscana era bem transmitida, ela era capaz de cativar de tal forma o povo de Deus que as pessoas queriam aderir a essa mensagem, o que significava entrar para a Ordem Terceira, tendo ficado esses irmãos com o encargo de colocarem em prática essa mensagem, pelo seu comportamento e pelas suas obras.

Acontece que a sociedade, e particularmente o Estado, já há muitos anos tinha começado a desempenhar e assumir muito do trabalho que até então era realizado pela Ordem (e outras instituições eclesiais), como é o exemplo do aparecimento do Estado Social (assistência aos mais desprotegidos, acesso a hospitais, à educação). Desta forma, realizando as mesmas ações, a Ordem apenas se podia distinguir das instituições civis e estatais pela natureza da sua ação. A partir daqui, não basta fazer, é necessário transmitir os valores, os princípios e a espiritualidade intrínseca à OFS. A OFS, mais do que realizar obras, tem que fazer um apostolado e uma evangelização; de destinatários da mensagem, os irmãos da OFS passam a ser eles próprios anunciadores da mensagem e da espiritualidade franciscana, tal como os frades da Primeira Ordem. A diferença da transmissão da mensagem entre frades e seculares, advém da sua

⁷ Situação que veio a permitir que fossem os franciscanos a assumir a guarda dos lugares da Terra Santa até aos nossos dias, uma vez que eram capazes de estabelecer pontes entre o mundo cristão e o mundo muçulmano.

condição de vida: os frades com uma formação mais teológica e feita a partir dos conventos e lugares de culto; os seculares com uma transmissão alicerçada na sua experiência de vida e a transmitida e praticada dentro da família, na política, no trabalho,...

4. A atualidade da mensagem franciscana no contexto que vivemos

A mensagem franciscana, na sua essência não sofreu alterações ao longo do tempo desde Francisco de Assis. O que tem mudado é a forma como a mesma é interpretada, apresentada e vivida.

A mensagem franciscana nasce de uma experiência de vida concreta, a de Francisco de Assis. A experiência de alguém que se encontra com Cristo, que experimenta a Sua humanidade⁸, que o transforma interiormente e quer continuar a reencontrar Cristo no que está ao seu lado. Esta relação e experiência do amor Cristo, filho de Deus, fá-lo descobrir a dimensão da filiação divina e, por consequência da Fraternidade Universal: se todos somos filhos de Deus, então todos somos irmãos, formamos uma “irmandade”... por outra palavra, formamos uma “fraternidade”! Esta dimensão de Fraternidade não se restringe aos homens, mas a toda a realidade: os animais, as plantas, a natureza, todo o cosmos... Em resumo, toda a Criação. Todos somos criaturas de Deus, todos somos obra do Seu ato amoroso de criação e, por isso mesmo, todos devem conviver em harmonia e respeito.

Ao vermos o outro como um “irmão”, como um ente querido, então desejamos que ele esteja e sinta bem, se sinta pacificado e tranquilo (no âmbito espiritual), capaz de estabelecer uma relação salutar com os outros – desejamos-lhe a “Paz”. Ao mesmo tempo, desejamos que viva nas melhores condições económicas, de estabilidade e conforto físico (no âmbito material) – desejamos-lhe o “Bem”.

a. Fatores climáticos

Uma das características da mensagem franciscana é o respeito pela natureza, pelo meio ambiente.

E esta é uma temática extremamente sensível na sociedade atual, quando falamos das questões das alterações climáticas, camada de ozono, degelo da Antártida, desertificação de vastas áreas, desflorestação da Amazónia, a poluição do ar e das águas, a conservação de algumas espécies ameaçadas de extinção, ...

Surgiram e continuam a surgir muito movimentos ecologistas, provenientes da sociedade civil e sem qualquer conotação ou crença religiosa. Contudo, a mensagem franciscana é muitas vezes acarinhada e utilizada por eles. Encontram na figura de Francisco de Assis o exemplo do homem que cuidou da natureza, que respeitou, que defendeu a sua conservação.

Este é ainda um campo a ser muito explorado e em que os franciscanos podem e devem ter um papel primordial. Há um trabalho comum a ser feito pelos franciscanos e pelos ecologistas, no que concerne à sensibilização do cuidado dos recursos naturais, da proteção dos animais, da reciclagem, entre tantos outros... Porém, há uma coisa que distingue a mensagem franciscana da mensagem dos ecologistas: a motivação.

⁸ De tal forma Francisco de Assis descobre a humanidade, que acaba por privilegiar e enamorar por dois momentos fundamentais da vida de Cristo: o momento da encarnação (o momento em que Deus, no seu amor, assume a condição humana), ficando conhecido o episódio de Greccio, onde foi feito o primeiro presépio; e o momento da paixão e morte de Jesus (em que entrega a Sua vida por amor) e com o qual Francisco se identifica que chega a receber no seu próprio corpo as chagas de Cristo, no Monte Alverne).

Toda a motivação dos ecologistas parte da necessidade de proteger os recursos naturais para salvaguardar o bem estar e a sustentabilidade do ecossistema, com o objetivo de assegurar a sobrevivência da espécie humana, em que toda o meio ambiente está sujeito à espécie humana ou, no extremo oposto, em que se coloca a salvaguarda de uma espécie ou de um ecossistema acima qualquer outra necessidade e acima de qualquer custo. É uma oscilação entre o egoísmo total e o desprezo completo pelo ser humano em detrimento de um animal ou de um ecossistema.

A mensagem franciscana radica num ponto intermédio: o respeito por toda o meio ambiente deriva de uma relação de criaturas que têm um mesmo criador. E neste sentido, todos se encontram num mesmo patamar de respeito, sabendo que ao Homem foi entregue uma missão de cuidador de toda essa Criação. Ser cuidador não é ser proprietário (que deriva no egoísmo) nem escravo (desprezo por si mesmo); ser cuidador é ter este equilíbrio de saber utilizar tudo o que de bom existe, sem causar dano.

A encíclica papal *Laudato Sí* do Papa Francisco veio demonstrar que este assunto é caro à Igreja e teve o mérito de interpelar a sociedade para estas questões, ao mesmo tempo que lança o alerta à Igreja para se empenharem no cuidado “da nossa casa comum”⁹.

A mensagem franciscana deve tanto combater os danos irreparáveis ou ameaçadores realizados pelo Homem, tal como deve ser uma voz crítica quando, por vezes se valoriza mais o bem estar de um animal do que a sobrevivência de uma pessoa.

b. Realidade social e política

Um outro aspeto que tem caracterizado a nossa sociedade são os conflitos e as guerras, motivadas pelas mais diversas razões (questões religiosas, políticas, económicas, ...). Estamos a assistir a um proliferar de conflitos por todo o mundo: Síria e todo o Médio Oriente, vários países africanos, Ucrânia, Coreia do Norte e os EUA.

Para além dos conflitos bélicos, temos também conflitos sociais fortes, motivados muitas vezes por questões económicas, tal como assistimos à colocação de impostos à importação de determinados produtos, colocações de restrições ao comércio com determinados países, restrições orçamentárias que afetam diretamente as condições de vida das populações, ...

Neste âmbito, a mensagem franciscana tem uma atualidade flagrante: estes conflitos só existem na medida em que o outro é olhado como um adversário e não como um irmão. Os conflitos surgem da incapacidade de estabelecer “pontes”, de criar “relação”... de criar “Fraternidade”. E se falamos numa dimensão governamental, podemos perfeitamente passar para o nível pessoal, quando falamos do drama dos refugiados e dos emigrantes.

Num contexto muito específico, de conflitos que tiveram por base motivos religiosos, não pode deixar de ser abordado o chamado *Espírito de Assis*¹⁰. Estes encontros, criados por S. João Paulo II e depois repetido pelo Papa Bento XVI, vieram dar uma maior força ao diálogo inter-religioso e ao ecumenismo, reforçando que é possível as várias religiões se juntarem e poderem rezar,

⁹ Expressão utilizada pelo Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato Sí*, nº 1.

¹⁰ Os Encontros do “Espírito de Assis” foram convocados em períodos onde ocorreram conflitos de âmbito mundial, com motivos religiosos na sua génese. Foram sempre jornadas de jejum e oração, que reuniu as principais religiões do mundo, sempre na cidade de Assis pois era o único local aceite pelas várias religiões como um “território neutro”. O primeiro encontro realizou-se em 27 de outubro de 1986, no Ano Internacional pela Paz; o segundo encontro realizou-se nos dias 9 e 10 de janeiro de 1993, na sequência do conflito dos Balcãs; o terceiro teve lugar a 24 de janeiro de 2002, na sequência dos ataques terroristas de 11 de setembro 2001, nos EUA; o quarto e último encontro teve lugar a 27 de outubro de 2011, convocado pelo Papa Bento XVI para celebrar o 25º aniversário do primeiro encontro.

cada uma de acordo com os seus próprios ritos e formas, sem que isso seja motivo de conflito. Apesar destes encontros terem uma influência claramente franciscana, a verdade é que envolveu várias instituições, que têm desenvolvido um trabalho importante como é o caso da Comunidade de Santo Egidio, que desempenharam um papel essencial na resolução de conflitos políticos, como foi o caso de Moçambique.

c. O Pontificado do Papa Francisco

Se, de alguma forma, a mensagem franciscana poderia estar algo adormecida, sem dúvida que teve um novo impulso com a eleição do atual Papa, o Papa Francisco.

Desde o primeiro dia da sua eleição, que o Papa Francisco tem colocado na agenda mediática muitos dos valores franciscanos: começou pela escolha do nome (Francisco, em homenagem a S. Francisco de Assis, querendo transmitir a ideia que queria privilegiar a sua atenção com os mais pobres, com os mais desfavorecidos, com os que são marginalizados económica e socialmente. Conseguiu chamar a atenção do “centro” para as “periferias”.

Para além dos vários gestos que ficaram seguramente na nossa memória, como exemplos de simplicidade, de ternura, de abertura ao diálogo, à diferença e ao perdão, podemos destacar um documento já citado anteriormente, a Carta Encíclica *Laudato Sí*, que conseguiu marcar de forma indelével toda a sociedade civil, a nível mundial

Se o pontificado do Papa Francisco conseguiu dar um novo impulso à mensagem franciscana, a verdade é que isso veio aumentar a responsabilidade dos franciscanos. Aumenta a nossa responsabilidade na medida em que o escrutínio da sociedade é maior, é-nos exigido ser o exemplo prático da vivência da simplicidade, da entrega ao outro, da capacidade de acolher o outro e do compreender.

Contudo, também há uma pergunta que deverá ser realizada: se foi necessário este Papa para dar um novo impulso, o que andavam os franciscanos a fazer? Onde estava a nossa capacidade de interpelar o mundo? De que forma estávamos a viver a mensagem que anunciávamos?

Talvez toda a Família se tivesse deixado “adormecer”...É também para nós a interpelação que o Papa Francisco deixou aos jovens, em 2016, durante as Jornadas Mundiais da Juventude em Cracóvia: “Para seguir a Jesus, é preciso ter uma boa dose de coragem, é preciso decidir-se a trocar o sofá por um par de sapatos que te ajudem a caminhar por estradas nunca sonhadas”.

5. Os desafios que o futuro coloca

A sociedade atual está em constante mudança, a velocidade cada vez maior... Este ritmo de transformação impede muitas vezes de conseguirmos assimilar e viver plenamente cada momento. Por isso, não é também de estranhar que tudo seja vivido de uma forma superficial, imediata, para responder às necessidades de um momento e sem grande preocupação com o “antes” ou com o “depois”. Uma sociedade que podemos considerar “*light*”, com grandes dificuldades em assumir compromissos, que de alguma forma possa condicionar as liberdades e escolhas pessoais.

E este é um grande desafio que a sociedade nos coloca, porque o relacionar-se com o outro, exige compromisso, exige dedicação, exige profundidade... Por um lado, facilmente vemos o encantamento que Francisco de Assis provoca na sociedade, a facilidade com que as pessoas aderem e se identificam com os valores franciscanos. Esta adesão e identificação leva até a que as pessoas, perante determinadas circunstâncias, realizem algumas ações ou atividades durante um período de tempo. Contudo, têm uma forte resistência e dificuldade a assumir um compromisso de vida, um compromisso pessoal permanente. É a situação que muitas vezes

chamamos dos “Amigos de S. Francisco” ou da “Quarta Ordem”: aqueles que sentem uma grande admiração pelos franciscanos, que inclusive se consideram seguidores de S. Francisco sem sentirem a necessidade se comprometerem pessoalmente. Quase que pode fazer o paralelismo como as pessoas que são “cristãs” mas são “não praticantes” ou que então “não precisam de se batizar”. Que resposta temos para esta situação? De que forma somos capazes de ajudar a que o outro se possa comprometer?

Por outro lado, também nós nos confrontamos com um grande dilema: o mundo mudou e continua a mudar, mas a forma como nós nos relacionamos com o mundo é a mesma do início do século XX...

Muitas das nossas Fraternidades continuam com uma grande componente devocional na forma como funciona, ou vivemos muito preocupados com as infraestruturas que possuímos, sejam eles hospitais, lares, escolas, igrejas,... A sociedade impõe uma maior exigência na gestão destas infraestruturas e nós, ao invés de colocarmos pessoas capazes de cumprir essas exigências de uma forma profissional, transformamo-nos em gestores e abdicamos da nossa vocação...

E muito podemos fazer, sem precisar de infraestruturas de base, se olharmos bem para a sociedade: continuamos a ter pobreza, onde a pobreza corporal já tem muitas respostas dadas pelo próprio Estado, mas não temos quem trate da pobreza espiritual; temos gente abandonada, mas a maioria dos abandonados já não estão na rua, estão abandonados sozinhos nas suas casas...

No início do século XX, a melhor forma de anunciar a mensagem franciscana, profundamente evangélica, eram as igrejas... e com isso fomos assumindo a gestão de paróquias... A sociedade mudou, as pessoas deixaram de frequentar as igrejas, e continuamos todos à espera que as pessoas voltem às igrejas para lhes podermos falar e cativar... e mais que isso, acabamos por nos transformar em simples funcionários paroquiais, que cumprimos horários para celebrar as missas pré-estabelecidas, mas sem tempo a perder com os que vivem na periferia, que nunca serão capazes de vir ter connosco, mas que nós não arranjam tempo para ir ter com eles.

A única resposta possível está na coragem que precisamos de ter... de sair do conforto que vivemos e ir em busca do desconhecido, ir à descoberta do que está ao meu lado. Precisamos recuperar a força e vontade de levar a Paz e o Bem ao outro, com tudo o que essas duas palavras implicam.

Para todos vós, PAZ E BEM!